

resenha bibliográfica*

book review

José Newton Coelho Meneses**

Departamento de História, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil

MARTINS, Roberto B. *Crescendo em silêncio: a incrível economia escravista de Minas Gerais no século XIX*. Belo Horizonte: ICAM/ABPHE, 2018, 629p.

*Mesmo assim, não é impossível representá-la. Podemos falar dela.
Podemos tentar descrever sua lógica.*

Henri Atlan

Os espaços históricos são inexistentes quando a historiografia os ignora. Ou, às vezes ela os torna invisíveis. Ignorar, em alguns casos, é fruto do não acesso a fontes documentais escondidas em acervos difíceis e, em outros, opção fácil de permanência na tradição interpretativa. A história da economia mineira oitocentista foi em certo tempo refratária desses dois tipos de desconhecimento. Mas foi, sobretudo, herdeira de uma compreensão limitada e simplista da economia setecentista: a de que a chamada “decadência da mineração” levou a uma inflexão para uma agricultura de subsistência. É paradoxal como autores de trabalhos de fôlego sobre o setecentos apresentaram uma narrativa de economia agrícola ao mesmo tempo mercantil e de subsistência, tentando colocar

* Submetida: 14 de novembro de 2019; aceita: 23 de novembro de 2019.

** Professor do Departamento de História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais. Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense. *E-mail*: jnmeneses@gmail.com

nessas duas características uma possibilidade histórica de difícil compreensão. Sobre o oitocentos outros tantos inculcavam heranças rigorosas dessa inflexão. A pujança de uma economia interna na longa duração levou tempos para ser apresentada. Sua complexidade, até hoje, exige esforços de pesquisa e de reflexão criativa.

A complicar tal visão simplista outros fatores sempre lhe foram apostos na superfície, mas ignorados na necessária verticalidade, como a fundamental questão do valorizado uso de mão-de-obra dos escravizados em uma economia mercantil escravista apresentada, paradoxalmente, como de subsistência ou, até mesmo, como camponesa. Paradoxos estimuladores da perspicácia compreensiva, negligenciados por muitos e reproduzido por outros tantos.

Crescendo em silêncio, agora em livro, sempre foi texto foco de luz sobre essas controversas interpretações; reflexão crítica e ousada, corajosa no sentido de apontar o foco para elementos fundamentais formadores do repertório multifatorial da complexidade da economia mineira dos séculos XVIII e XIX. Em função disso, estimula, há tempos, controvérsias.

A historiografia sobre Minas Gerais a partir dos anos 1980 tem apresentado visões enriquecidas do processo, em muitos trabalhos que, apegados a percursos de investigação empírica e à criatividade nas opções de análises, propõem novas percepções e maior aderência à realidade. Ambos, resquícios documentais e problematizações inovadoras, possibilitaram tal direção compreensiva. Diria, no entanto, que a coragem libertadora desses trabalhos foi sedimentada em *Growing in silence*, de Robert Martins.

A utilização das fontes censitárias e as cartorárias explicam em parte o enriquecimento da leitura de um passado complexo. Elas possibilitaram ver um mercado pujante em nível interregional, uma vigorosa manufatura amalgamando grande diversidade de ofícios artesanais, uma riqueza acumulada por famílias e por redes de clientelas diversas, uma dinâmica de envolvimento e de investimentos em construção civil, uma economia rural forte e demandada por população crescente. Mas é a problematização criativa do objeto estimulada por essas fontes que enseja a necessária complexização de evidências.

De uma “visão indiferenciada de uma decadência inexorável e monolítica, sem atentar para as infinitas diversificações locais” como criticava Maria Yedda Linhares, em 1978, no *Seminário sobre a cultura mineira*

no período colonial, à citada diversificação interpretativa da dinâmica da economia de Minas colonial e provincial a partir dos anos 1980, muita riqueza compreensiva se produziu, diria estimulada por esse chamamento (mesmo que Martins o veja apenas como uma fala que provocou apenas um “frisson passageiro”) e motivada pela “tese seminal” de Roberto Martins. A riqueza da discussão nessa década de novas e importantes produções historiográficas teve balanço perspicaz produzida por Douglas Cole Libby, já em 1988¹.

A minha leitura de *Crescendo em Silêncio*, agora não de forma fragmentária em artigos e textos esparsos como aconteceu nos idos dos anos de 1990, época de meu Mestrado, aquilata de forma mais consistente toda a força da tese de Martins. Minha leitura inicial de “Slavery in a Nonexport Economy”, escrita em conjunto com Amílcar Martins Filho (a famosa “proposta dos irmãos Martins”), síntese da tese agora publicada, encaminhou-me a maior gama de possibilidades de apreensão daquilo que eu próprio ia encontrando nos arquivos. Em tentativa sintetizadora, penso sua tese como construída a partir de rigoroso diálogo historiográfico – feito em perspectiva de um economista com sensibilidade revisionista acurada – com problema histórico bem delineado: a ideia central de que o espaço histórico da província de Minas não atendia ao modelo que se propugnava para as economias escravistas. Era, predominantemente uma economia não exportadora, com absorção da mão-de-obra escravizada em uma gama muito grande de atividades para além da ação no eito sob o olhar fiscal e repressor da estrutura senhorial.

A apresentação da “incrível economia escravista de Minas Gerais no século XIX” agora editada em livro em suas duas partes, nos apresenta

¹ Esta será a única nota de rodapé referencial do texto, almejando o papel que cabe a uma resenha acadêmica, o de comentar o livro para, com sua crítica, estimular novas leituras. Referência Linhares e Libby para indicar caminhos de investigação historiográfica aos leitores. As referências de produções mais recentes estão no *post scriptum* de Roberto B. Martins. LINHARES, Maria Yedda Leite. “O Brasil no século XVIII e a Idade do Ouro: a propósito da problemática da decadência”. In: *Seminário sobre a Cultura Mineira no Período Colonial*. Belo Horizonte: Conselho Estadual de Cultura de Minas Gerais, 1979; LIBBY, Douglas Cole. “Historiografia e a formação social escravista mineira”. In: *Acervo*, v. 3, n. 1, p. 7-20. Rio de Janeiro, 1988. A citação ao “frisson passageiro” do chamamento de Maria Yedda Linhares está na segunda parte do livro objeto desta resenha, às páginas 409-410, nota 15. A epígrafe inspira-se em ATLAN, Henri. *Entre o cristal e a fumaça*. Ensaio sobre a organização do ser vivo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992, p. 9-10.

a tese inicial do autor escrita em 1979 e defendida em 1980 e “Quarenta anos depois”, uma Parte II que enfrenta as críticas, interpõe o que o autor considera seus erros (“pecados veniais e mortais”), justificando-os e fazendo franca autocrítica, bem como, e principalmente, uma reflexão autoral primorosa a contrapor sua compreensão da economia escravista mineira, feita há 40 anos, frente a uma historiografia sobre a economia mineira, brasileira e mundial produzida ao final do século XX e primeiros anos do XXI.

“Incrível” é adjetivo do subtítulo da obra, escolhido por Martins, a denotar a sua compreensão da economia oitocentista mineira. Também o título é bem pensado, incorrendo na mesma característica imposta por ele a Robert Slenes, “dotado de grande talento literário” para construir um “título esperto” como “meio caminho andado para um *best seller*”. É por pensá-la *incrível* que Roberto Martins esmiúça a economia mineira tentando diferenciá-la dos modelos explicativos dos escravismos modernos então vigentes. Incrível porque extraordinária, nada banal, inacreditável, inimaginável às vezes, mas histórica e, dessa forma, crível. A incrível crível, se podemos brincar com a liberdade literária de que tanto gosta o autor, com seus porcos metafóricos – com corpos e rabos – e suas pérolas (diamantes) do versículo de São Mateus e do jogo de palavras de Slenes. Crível, porque em sua surpreendente e imprevisível construção histórica, é uma economia acreditável, aceitável, plausível provável, verossímil.

A primeira parte, a despeito de muito conhecida e quase dispensar comentários traz informações preciosas e uma discussão metodológica que nos clareia o percurso compreensivo, justifica rigorosamente a tese e comprova a capacidade do investigador crítico, atento aos conceitos e proposições e de uma perspicácia fundamental. Essa capacidade perspicaz é clara nos fundamentos econômicos e criativa nos sociohistóricos. Os setores minerador e cafeeiro são escolhidos como cenário de uma economia, para se entender o trabalho do homem escravizado e a ação gestora de companhias e de senhores sobre ele. O tráfico e a população de trabalhadores compulsórios, as características da manumissão e o apego dessa economia ao escravismo eixam a percepção das suas transformações estruturais. Tudo em ótica diagnóstica, quase de dissecação, de lapidação dessas estruturas cristalizadas.

A segunda parte nos apresenta um autor que ao longo do tempo elaborou críticas, dialogou intelectualmente com os pares, descobriu novos documentos, valorizou novos autores, conheceu a amplitude da produção historiográfica sobre Minas Gerais nos últimos 40 anos e reviu sua tese. É um *post scriptum* onde a sinceridade agride estimulante-mente o leitor para que ele participe do diálogo, conduzido pelo propositor-autor. Roberto Martins tem esse dom, tanto no discurso oral quanto no escrito, de provocar sinceridades. No escrito após tempos, exerce franqueza e humildade e, de outro modo reafirma e reconfigura propostas elaboradas há 40 anos. Nesse exercício possibilita ao leitor uma reflexão que ultrapassa o seu exercício de autor e os estimula a pensar sobre os próprios achados e reflexões. Talvez nesta parte, resida um dos valores essenciais da edição de *Crescendo em Silêncio*: ela rearticula o impacto da tese de 1980, apresentada na íntegra na primeira parte.

As principais críticas recebidas nos inúmeros diálogos do lapso temporal de 40 anos são enfrentadas sem meias palavras. Aceita-as em parte, reconhece excessos, revigora achados, reconfigura interpretações e, no fundo, rejuvenesce sua tese. O espaço oitocentista, não mais invisível e, agora, revitalizado com a edição de *Crescendo em silêncio*, exige agora mais de seus intérpretes quanto ao uso da terra, ao suposto “ensimesmamento” de sua economia, ao trânsito migratório de populações escravizadas, aos deslocamentos espaciais das atividades agrárias e manufatureiras, aos caminhos de um desenvolvimento diverso, às redes clientelares de câmbios de poder etc. As críticas mais fundamentais à tese de Roberto Martins – a importância do mercado interno das Minas e relação deste com os outros mercados provinciais, a natureza do crescimento da população de escravizados, a própria natureza de seu modelo não-exportador – precisam de vigor que dialogue novamente com o seu *post scriptum*. Roberto Martins pede réplicas!

Na perspectiva da longa duração muitas questões podem ser repensadas a partir da leitura de *Crescendo em Silêncio*. Duas delas me são caras: é preciso dar aderência real à ideia de inversão econômica ou de inflexão econômica para uma economia agrária no final do século XVIII e século XIX, a partir da decadência da produção minerária. A segunda é a própria percepção de que o setor minerador, na história de Minas, nunca deixou de ser fundamental. Aí, é preciso aprofundar a discussão da ideia

de “decadência”, pensando o mercado colonial e o mercado provincial. Na busca compreensiva das duas questões é necessário ter como premissa que a ordem econômica e a ordem social não estão apartadas e demandam compreensão complexa.

Economista-Historiador, Roberto Martins sabe transitar entre campos e tem estofamento instrumental para proposta revisionista e inovadora. Não se contenta nem com uma e nem outra: insere seu trabalho no campo da historiografia e da economia. Busca diálogos difíceis, embora urgentes com os dois campos acadêmicos. Diria que faz isso há 40 anos. Não lhes bastam as teorias e os modelos explicativos porque parece ser motivado pelas suas lacunas, suas frestas. Isso o obriga ao diálogo e à propostas francas de bons embates. Provoca-os com certo atrevimento de quem conhece e não se satisfaz com o que apreende. Exige de si e daqueles com quem busca dialogar a clareza das coisas descobertas e explicitadas. Neste sentido, facilita o exercício nem sempre fácil da transdisciplinaridade. É bom ler a íntegra de *Crescendo em silêncio*. Melhor é usar o texto para motivar nossos próprios questionamentos aos modelos explicativos não revigorados. O texto de Roberto Martins fez e faz o cristal virar fumaça.

Belo Horizonte, novembro de 2019.